

RESENHAS

Luciana Hartmann
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Santa Catarina

Nome de referência quando se fala em antropologia visual, Marc PIAULT iniciou a sua carreira estudando a sociedade africana e o seu processo de descolonização; já em 1965 realiza o seu primeiro filme etnográfico, *Yan Kasa, les enfants de la terre*. Desde então, além de se afirmar como realizador, PIAULT vem também dando a sua colaboração como pensador e defensor do uso de recursos audiovisuais no trabalho antropológico. Em *Anthropologie et Cinéma*, o seu livro mais recente, PIAULT dá continuidade à abordagem teórica da sua pesquisa, realizando uma reflexão profunda sobre as múltiplas implicações do registro audiovisual na antropologia.

O autor de modo algum sugere, contudo, que se possa falar na introdução da imagem como marco que divide duas fases da prática antropológica. Ao contrário: já no primeiro capítulo, intitulado “Naissance du cinématographe, naissance de l’anthropologie”, ele demonstra como o surgimento da disciplina vem colado à revolução tecnológica que permitiu a apreensão de imagens em movimento,¹ e como ambos – numa relação de interdependência – estavam voltados naquele momento para a exploração da alteridade do mundo. Segundo PIAULT, tanto cinema quanto antropologia desenvolveram, desde o final do século XIX, uma “obsessão inventorial” (p.8), na qual o acúmulo de curiosidades e exotismos do planeta era utilizado em comparações e medidas que tomavam como parâmetro a normalidade ocidental. As formulações filosóficas da época viam o mundo como uma totalidade, a qual se encontraria inserida numa cadeia evolutiva em cujo topo se encontrava o mundo branco, europeu, civilizado; e era sob este ponto de vista e para este público que as imagens eram feitas. Grande parte da crítica construída por PIAULT dirige-se justa-

mente à forma com que o registro através da imagem e do som era utilizado na época; posto ao serviço das empresas colonialistas, tal registro realizava o desejo mascarado de dominação, de apropriação, de devoração que o homem ocidental projetava (projeta?) no outro. Para ele, absorvia-se a distância material do outro, reduzindo-o a imagens.²

Segundo o próprio Piault, o seu objetivo principal nesta obra é considerar a antropologia visual não somente como um lugar de produção com e pela imagem e som, mas acima de tudo problematizar os processos desta produção, inserindo-a no seio de uma reflexão epistemológica sobre o próprio desenvolvimento da disciplina. Esta reflexão sobre os processos que envolvem a “passagem da realidade à imagem” e sobre os diversos fatores (científicos, técnicos, éticos, estéticos) aí implicados perfará o fio condutor do livro.

A leitura e a compreensão destas questões, nem sempre simples, é facilitada pela linguagem fluída do texto, na qual transparece a subjetividade do autor, a sua postura crítica em relação ao olhar colonialista do ocidente³ e a sua opção em fazer com que as abordagens teóricas emergjam de uma revisão histórica das principais produções em antropologia visual desde a origem da disciplina.

Como já indica no título, Piault estará durante toda a obra co-tejando antropologia e cinema; não obstante, faz mais do que isto: põe frente a frente o próprio *métier* de antropólogos e cineastas. Desde o princípio ele vai demonstrar os pontos por vezes conflitantes desta relação, apontando a maneira como os documentaristas ou “cineastas do real” freqüentemente recebem com desagrado a qualificação de “antropológicos” com que se qualifica os seus trabalhos, e como certos antropólogos invejam a competência técnica dos documentaristas. Para Piault, no entanto, os antropólogos não apenas devem buscar um maior conhecimento e aperfeiçoamento técnicos como deveriam também abrir um debate sobre o papel da instrumentação tecnológica na experiência etnográfica, incluindo-se aí as disposições recíprocas entre antropólogo e os sujeitos da pesquisa. Sobre o uso de equipamentos nas pesquisas de campo, Piault salienta que, ao contrário das críticas de que estes representariam um elemento externo muito forte, interferindo na “realidade” do grupo estudado, a presença destes instrumentos facilitaria a aceitação do antropólogo no grupo, pois de alguma forma justificariam seu trabalho – o qual, segundo ele, ainda hoje dificilmente é compreendido.

Outra abordagem importante no livro é a de que a imagem, como uma forma de linguagem, permite uma “contextualização da emoção” (p.24), podendo servir como instrumento privilegiado de comunicação e, como quer a antropologia, de compreensão entre as culturas. Daí a necessidade, para Piault, de considerar o campo imagético como um lugar de experimentação instrumental que deve ser considerado seriamente por parte de uma real investigação epistemológica.

Tomada como um procedimento cognitivo, a antropologia visual não se deterá, no entanto, apenas nas formas de captação da “realidade”: ela abordará, ainda, as formas pelas quais a realidade pode passar a fazer sentido em imagem. Processos de montagem e edição de imagens (como estratégias de seleção e interpretação da realidade, já presentes desde o seu registro), inserção da voz de um narrador em *off* e inserção de trilha sonora serão alguns dos pontos considerados por Piault para analisar os usos desta linguagem na antropologia.

No final da sua análise do processo de produção de e com imagens, Piault dará também a devida importância à audiência – para a qual um filme etnográfico é feito – considerando que esta vai contribuir “na identificação, na evolução e na modificação de um processo de interpretação que é permanente” (p.30), pois se renova e se transforma à medida em que se modifica o contexto de existência e de exibição do filme. Para Piault, a idéia de inacabamento é necessária a toda empresa antropológica, e mais especialmente a toda obra imagética, pois será este fator a ampliar as suas possibilidades de interpretação, ampliando também a sua capacidade comunicativa.

Anthropologie et cinéma é um livro instigante, que propõe o cinema, e mais amplamente o audiovisual, como um dispositivo experimental poderoso para a antropologia. O que Piault chama de “antropologia da imagem” é justamente a possibilidade de analisar não somente as culturas tais como elas aparecem plasmadas *em* imagem (imagem-produto), mas sobretudo *através* da imagem. Trata-se de considerar a forma como a percepção da realidade vem orientada pela cultura, e como esta última modela a maneira de representar e traduzir a realidade em imagem (imagem-processo). Imagem da cultura, imagem na cultura: Marc Piault confia, assim, à antropologia visual o seu papel no projeto antropológico de pensar o mundo e a comunicação entre as diferentes culturas.

Notas

¹ Na verdade, as imagens não estão em movimento. A sua disposição sequencial numa determinada velocidade (inicialmente 16, e agora 24 fotogramas por minuto) dá a impressão de movimento.

² Piault demonstra que etnografias como a de Boas, e posteriormente muitas outras, se inseriam nesta perspectiva de realização de uma coleção concreta de formas de sociabilidade, na qual a imagem funcionava como um instrumento desta “coleção da realidade do mundo” e de uma “objetivação” do olhar.

³ Segundo ele, depois de várias décadas de produção do tipo “predação colonial”, a partir dos anos 60 inicia-se uma produção de outra natureza: há um descentramento do saber, que encontra correspondência no desenvolvimento tecnológico. A câmera, mais leve e com o recurso de registro direto do som, passa a acompanhar as personagens, ligando pesquisador e pesquisado numa mesma trajetória. É o que ele chama de passagem da observação à participação, salientando que esta só pode ser realmente desenvolvida quando se estabelece uma relação orientada teórica, ideológica e afetivamente (p.180).